

Graziela Conceição de Oliveira Dorta Ribeiro

Indisciplina e violência escolar

x

Vida social

UNICAMP

Campinas

2006

Graziela Conceição de Oliveira Dorta Ribeiro

Indisciplina e violência escolar

X

Vida social

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Campinas

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Ribeiro, Graziela Conceição de Oliveira Dorta

R354i Indisciplina e violência escolar X vida social : memorial de formação /
Graziela Conceição de Oliveira Dorta Ribeiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-547-BFE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro a Deus, pela força e sabedoria para superar os momentos difíceis dessa jornada.

À minha família, pela compreensão e colaboração, sempre.

Ao Ricardo, meu marido e amigo, pela compreensão e incentivo.

Aos Professores Doutores da UNICAMP, que acreditaram que este sonho poderia se tornar realidade e acima de tudo; acreditaram em nossa potencialidade.

A UNICAMP que proporcionou essa oportunidade de formação, e realização de um sonho..

A todos os Assistentes Pedagógicos que estavam ao nosso lado, contribuindo em muito para minha formação.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	05
2. MINHA FORMAÇÃO.....	06
2.1. Ensino primário.....	06
2.2. Ginásio – última etapa do Ensino Fundamental.....	07
3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.....	11
3.1. Efetivação da carreira.....	13
4. A conquista da sala de aula.....	17
5. FRAGMENTOS DA PROPOSTA EDUCACIONAL DA E.M.E.F. JOSÉ POUSA DE TOLEDO.....	23
6. EDUCAÇÃO FORMAL x EDUCAÇÃO INFORMAL.....	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
ANEXO 1.....	31
ANEXO 2.....	32
ANEXO 3.....	33.

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de minha formação e sobre minha prática educacional.

Estarei abordando os pontos da minha vida que tiveram um significado maior em minha trajetória profissional, relacionando minha prática pedagógica como ponto de partida toda minha vivência escolar, avançando para a entrada em uma Universidade, fato que veio proporcionar uma reflexão maior sobre as dificuldades no cotidiano escolar.

Minha carreira profissional e minha prática como docente de ensino fundamental, foram sendo aprofundadas dentro da Universidade, na busca de estratégias para minha prática pedagógica, que pude estar compartilhando com os professores que atuaram neste curso: PROESF.¹

Escrever este memorial está sendo um grande momento para expressar, também tudo o que passei até chegar a uma Universidade e também para uma retomada de consciência acerca de meu papel de educadora.

Trarei em meus relatos, a indisciplina e a violência vivenciadas por mim e por toda uma comunidade que acreditava em meu trabalho como profissional, ajudando-os a resgatar a auto-estima e a afetividade.

A esperança de todos os envolvidos no processo educacional, por uma melhora trazida no Projeto Político Pedagógico da escola, visando a real inclusão de uma comunidade marginalizada e sem expectativas de socialização. Sendo que a única esperança naquele momento estava na Instituição Escolar.

¹ Programa Especial de Formação de professores em exercício.

2. MINHA FORMAÇÃO

2.1 ENSINO PRIMÁRIO

Para que eu possa estar aqui hoje sentada escrevendo sobre o memorial, precisei retornar as minhas memórias.

Lembro-me que era o 1º dia de aula e eu estava ansiosa para ir à escola, todo material já comprado, bolsa (mochila) meu pai leva-me à escola.

Quando cheguei até ela, tudo muito estranho, não conhecia ninguém, meu pai levou-me até a sala de aula, onde algum tempo depois chegou a professora.

Antes não se formava fila, o sinal batia e os alunos encaminhavam-se para a sala de aula.

Meu Deus! O silêncio pairava-se na sala de aula. A professora iniciou sua aula apresentando-se e nós não participávamos desta apresentação, ela dizia o nosso nome e apenas a mão era erguida para a confirmação.

Ao terminar a aula, a classe seguia em forma em silêncio, até a escada da entrada, e só descida essa, os alunos se dispersavam.

Os conteúdos visados em uma escola tradicional ocupavam um papel importante para a transmissão de conhecimento, sendo as aulas expositivas, sem a preocupação do avanço individual do aluno. Talvez, devido a essa abordagem (tradicional), obtive certa dificuldade ao ler.

Ah! Aconteceu o que eu já esperava, não consegui fazer a leitura da maneira em que a professora queria, foi quando ela deu-me uma reguada na cabeça e chamou o diretor para transferir-me de sala, pois naquele momento na avaliação geral, apresentei um desempenho menor que os demais alunos.

Foi então realizado o remanejamento nas classes, onde classificavam de sala forte e fraca e por conceitos “A” era melhor, “B” e “C” eram razoáveis e o restante “D” e “E” eram insatisfatórias.

Assim, fui remanejada para a 1ª série “C”, sendo considerada já na primeira semana de aula como uma criança de classe fraca e muito quieta, pois não atendia aos requisitos desejados por ela.

Neste momento do processo Educacional a existência de normas era rígida, a disciplina homogeneizadora que valia para a escola toda, feita para alunos equivalentes

àqueles de um passado idealizado. A essa imagem idealizada de alunos, AQUINO, 2003, p. 56 apud Dubet, 1997, p.26)

contrapõe uma evidência: a diversidade sócio-cultural da clientela que habita o universo escolar, de certa forma, por estarmos numa sociedade democrática, consideramos que todos os alunos têm o mesmo valor, que são iguais. Ao mesmo tempo, eles têm, obviamente, desempenhos desiguais. Porém, sempre lhes explicamos que se eles não obtiveram bons resultados é porque não estudam bastante e, na realidade, isso nem sempre é verdadeiro. (...) é o preço de um sistema ao mesmo tempo democrático, quer dizer, um sistema em que todo mundo é igual, e meritocrático, isto é, que ordena valores.

Diante do exposto, como colocar minhas idéias, falar sobre as angústias, se mal pude apresentar-me à classe. Imagine se naquele momento falasse para a professora que não estava conseguindo ler e ainda assim, ocorreu uma violência comigo. Aquela reguada foi o início de uma grande trajetória pela escola mesmo sendo transferida para outra sala.

Aquela nova professora foi o meu sonho, idealizava-me nela, em sua beleza, suavidade e valor que dava ao ser - aluno, pois ela não utilizava de violência para conseguir a disciplina que o sistema impunha.

Três anos se passaram e cheguei a 4ª série, estando sempre na mesma escola, comecei a perceber que os alunos já não se encontravam tão quietos e tão disciplinados. Presenciei e percebi talvez, por eu estar maior, a violência do professor para com os alunos estava aumentando, tanto no âmbito verbal, quanto no físico: um puxão de orelha.

A violência sofrida marcou-me tanto que estou escrevendo sobre ela.

Acredito que a escola, também neste momento rígido em que estava inserida, produzia a sua própria violência e indisciplina. Segundo Aquino (1996, p.20), vários atos da indisciplina traduz-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja da própria instituição escolar.

2.2. O GINÁSIO – ÚLTIMA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando chega o momento de ir para a 5ª série, tornou-se um pouco mais difícil para estar freqüentando a mesma escola em que estava desde a 1ª série, sendo que

mudei para outro bairro e a distância ficou maior, mas a vontade de estudar e a força para concluir os estudos fez com que fosse até a escola.

Pegava o primeiro ônibus que começava a rodar às 5:30 horas da manhã para chegar à escola às 7:00 horas. Eram dois ônibus até chegar a escola. Mesmo com toda esta dificuldade concluí o ginásio.

Os professores faziam a opção dos livros que tínhamos que ler, uma leitura obrigatória, focando a memorização e não o aprendizado, formação de conceitos, sendo para mim um ato de violência com o aprendizado dos alunos, não levando em consideração o ritmo diferente dos discentes.

O sistema educativo é uma estrutura hierárquica, autoritária, rígida, de sentido profundamente político, que tem suas vítimas e seus instrumentos tanto no docente como no aluno. O aprender a aprender que se opera no sistema educativo leva a uma alienação da própria necessidade, a um pensamento metafísico, não dialético, a um pensamento idealista a um identificar o conhecimento com a repetição da palavra autorizada, isto é, a uma negação do sujeito como sujeito cognoscente. (QUIROGA, 1985, p. 54)

Uma outra visão que tive para que seja um ato de violência para com o aluno é que segundo Asimov² (1995), a leitura tem uma dimensão pessoal, lúdica e prazerosa que, uma vez conhecida, acompanha as pessoas ao longo de sua vida, sem deixar nunca de alimentar e gratificar aquela que a exerce e não deve ser identificada como tarefa deveres, com situações tediosas e pouco gratificantes, como o fato foi vivenciado por mim.

Trazendo toda a bagagem escolar e com desejos de mudanças, optei por fazer o magistério.

Meu pai dizia-me: não seja professora filha, você vai passar “fome”, mas o sentimento de ser uma professora era maior naquele momento. Estava idealizando o sonho, ao contrário da violência da qual fui vítima, queria fazer o contrário, pois acreditava ser possível desenvolver um trabalho de transformação em termos de Educação.

As palavras de meu pai ficaram em minha memória, mas o sonho era maior. Mas para cursá-lo teria que passar por uma prova: o vestibulinho na escola Estadual Mello Moraes, uma das escolas públicas que ofereciam o curso de magistério, sendo que não tinha condições de pagar uma escola particular.

² Fonte Revista “Lectura y vida”. no3- set,1995-Disponibilizado pelo curso da S.M.E. de Piracicaba, no curso “Práticas de leitura e escrita no cotidiano escolar”- 2001.

Realizei a prova e tive um resultado positivo, conseguindo a tão sonhada vaga para o curso de magistério.

Como discente, e futura professora, comecei a ficar decepcionada com a atitude de certos professores. Percebia que estavam despreparados para exercer o ato educativo, pois se inseriam no contexto escolar, em sua maioria, sem o devido domínio dos conhecimentos que deviam propiciar ao aluno.

A importância do sistema escolar e da educação secundária, em particular, como fonte principal de educação é ressaltada no último documento setorial relativo a formação docente. Por um lado, constata-se empiricamente que os professores tendem mais a se comportar na sala de aula de acordo com o que observaram e experimentaram enquanto alunos, do que segundo o que aprenderam no magistério. (TORRES, 2000, p. 156)

Diante do exposto, percebi que o momento do magistério já era outro, diferente de quando cursava o ensino primário. A escola passava por uma política educacional, cujo vetor era o ajuste aos desígnios da globalização. Com efeito, a escola vai deixando de se caracterizar como um lugar de transmissão de conhecimentos que buscava o respeito pelo ser, individualmente.

Mas, eu como discente do magistério, não estava entendendo toda esta mudança, ficava a pensar: optei pelo magistério para aprender a dar aula, acho que acabei criando falsas expectativas, passarei a aprender teorias: como iria ensinar? Com toda esta minha insegurança solicitei a ajuda de um professor que me explicou que as teorias iriam auxiliar-me na prática, norteadando minhas aulas.

Estava no 3º ano, e continuei percebendo a fragilidade do ensino público. Um currículo adequado para a formação de professores, porém a didática utilizada não satisfazia as necessidades. O professor da disciplina de didática muitas vezes deixava-me a pensar. Pedia pastas de modelos de desenhos: ensino tradicional, ou solicitava trabalhos que partissem do interesse das crianças com as quais eu já estava trabalhando. Sentia que a teoria estava desvinculada da prática.

Também neste período do estudo do magistério os métodos de ensino começaram a passar por uma polêmica. A transição do método tradicional para o emancipador. Elucidando a questão dos métodos, trarei anotações de alguns pontos que evidenciam suas diferenças:

TRADICIONAL

- ✓ Professor autoritário;
- ✓ Ênfase no erro;

- ✓ Professor detentor do saber;
- ✓ Humilhação, castigo;
- ✓ O aluno não tem oportunidade de se expor;
- ✓ Memorização;
- ✓ Interesses particulares do professor sobre o aluno;
- ✓ A não socialização;
- ✓ Ditados, chamada oral;

EMANCIPADOR

- ✓ Importância da leitura, como função social;
- ✓ Dialogo;
- ✓ Professor mediador;
- ✓ Aluno como agente transformador;
- ✓ Afetividade;
- ✓ Socialização;
- ✓ Reflexão;

As anotações acima foram das aulas de 25/08/03 da A. P. Cristina (1º semestre), com a disciplina Teoria Pedagógica e Língua-Portuguesa.

Diante das mudanças ocorridas na educação, muitas dúvidas surgiram principalmente em relação ao papel assumido por cada personagem da escola professor-aluno.

é comum punir, para funcionar por recompensa da ação. Um poder de caráter predominante, positivo/produtivo. Ele não se apropria de nada, ele adentra e por meio de tantos recursos cria comportamentos, “fabrica” indivíduos. Esse era um perfil do professor tradicional, detentor do saber / poder, porém na visão emancipadora o poder gera indisciplina. (FOUCAULT, 1977 apud AQUINO, 1996, p. 65)

3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Toda a trajetória como estudante, enfim terminei o magistério e tinha que partir para a busca do trabalho.

Comecei fazendo cadastro em escolas da rede estadual de ensino, mas tínhamos que ter amizade com secretários de escola para poder dar aula. Não desisti, continuei minha jornada, sempre pensando: um dia dará certo.

E foi o que aconteceu o telefone toca, é a secretária de uma escola chamando-me para substituir uma professora. Fui toda contente pensando na classe de meus sonhos, todos os alunos quietos, apenas prestando atenção na professora. Meu Deus! Como marinheira de 1ª viagem, eis que deparo-me com uma classe de alunos agitados, brigando, uma violência contra seus amigos e comigo que acabara de chegar na escola. O que fazer? Cheguei a ficar em pé por 2 horas para que os alunos não saíssem da classe, pois nem ouviam o que eu tinha a lhes dizer.

De acordo com LA TAILLE, 2001, p. 90-91 apud AQUINO, 2003, p.13

disciplina remete a regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de conduta. Logo, disciplina corresponde ao que chamamos de moral; o respeito por certas leis considerando obrigatórias. Portanto, a pessoa indisciplinada pode às vezes, vir em decorrências de bons motivos éticos. Se as regras não fazem sentido e se derivam de valores suspeitos. Como a subserviência cega a autoridade, a indisciplinada eticamente válidas. Transgressões deste tipo podem acontecer nas salas de aula. Por exemplo, o insulto, a agressão física, o tratar o professor como se fosse um objeto, não ouvi-lo, fingindo que não está presente, que não existe.

Quando encerrou este dia, que decepção, que dia mal sucedido, que violência. Segundo as idéias do autor citado acima, naquele momento na sala de aula uma regra havia sido quebrada. A falta do professor da classe levou os alunos a sentirem que a escola muitas vezes também desconstrói suas próprias regras.

Senti muita dificuldade em motivar os alunos que não atribuíam grande importância a escola, ou seja, uma educação formal³, que se caracteriza por transmitir e sistematizar conteúdos socialmente acumulados.

³ Entende-se por educação formal uma educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas. (Texto: Uma sondagem preliminar da atuação das instituições voltadas para a educação não-formal)

Diante da realidade encontrada, refleti: onde deixaria toda a bagagem em que havia adquirido no magistério? Aquele sonho de brincar de escolinha! A quem eu iria ensinar. Foram perguntas em que fazia a mim mesma.

Quando em conversas informais a outras amigas de profissão respondiam-me quando tiver sua classe, ficará mais fácil, os alunos irão respeitar mais.

Aquele velho pensamento que eu tinha de disciplina havia mudado, deparei-me com um novo aluno, um novo sujeito histórico, embora trouxesse comigo como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso, o professor autoridade e o aluno um mero receptor de informações. Segundo Michel Foucault “é a disciplina um instrumento de dominação e controle destinado a suprimir ou domesticar os comportamentos divergentes [...]” (2006, p.53)

Acreditava veementemente, que as dificuldades seriam muitas. Continuei substituindo em escolas periféricas e em classes turbulentas, com gestores que muitas vezes diziam para mim que os alunos faziam parte de uma sala de projetos⁴.

Diante dessa dificuldade com as classes em questão, o respaldo recebido pela equipe de gestão era o discurso de que seria apenas necessário trabalhar os limites e as regras com eles. Mais uma vez deparei-me com a escola ditando regras e de acordo com Antônio Ermírio de Moraes (2005, p.1) “se no passado errava-se pelas agressões, por motivos banais praticado contra os filhos hoje se erra pela falta de regras com que os filhos são criados”.

Nesta classe que descrevi acima, permaneci por um mês. Já havia passado por ela outros professores, que desistiram.

Professores estão cada vez mais temerosos, já se fala em fobia escolar. Muitos têm medo de entrar em sala de aula, pois se sentem impotentes diante de tanta violência. Sendo que o discurso diz que o aluno é da escola, mas no momento de decidir e resolver as dificuldades que a classe vem apresentando em termos de comportamento fica a critério apenas do professor.

Eu comecei a perceber que estava faltando alguma coisa para que pudesse continuar. Notei que não poderia mais ir às escolas para substituir sem muito conhecimento, pois a cada experiência vivida tinha que buscar uma nova explicação ou solução para os problemas enfrentados, deixando de cumprir pedagogicamente com o meu papel de professor.

⁴ Essas salas de projetos eram formadas por alunos com dificuldades de aprendizagem e indisciplina.

Assim, sentindo toda esta mudança, a indisciplina batendo a porta dos professores, percebi que apenas o magistério era pouco conhecimento ou quase nada perto de tantos conflitos a serem enfrentados em uma sala de aula. Gostaria de continuar substituindo e auxiliando aqueles que estavam inseridos no sistema educacional.

Diante de tantas angústias e busca por soluções, resolvi cursar uma Universidade.

Foi no período de 1992 a 1995, quando cursei a Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

Conclui até o sexto semestre, mas em torno de tantas dificuldades financeiras pois já não estava mais trabalhando na área da Educação.

Após a conclusão em 1995 através de estágios concomitantes com o emprego de secretária, fiz estágios em uma creche vinculada a Universidade, mas os salários de estágios com o de secretaria eram baixos. Não pude pagar o 6º semestre, apenas cursei-o.

Mas, alguma coisa em mim estava vazia, não gostava do que fazia. Minha vida estava pautada na Educação e neste momento talvez mais preparada.

3.1. EFETIVAÇÃO DA CARREIRA

Em 1999 surgiu o Concurso Público para Professor de Ensino Fundamental (Rede Municipal de Piracicaba). Vi neste concurso um novo desafio e com muita esperança para assumir uma classe definitivamente, onde haveria um planejamento, um trabalho sempre em andamento, sendo esse compartilhado efetivamente com os alunos e podendo também haver trocas de experiências entre os docentes.

Estudei por um bom tempo e pude fazer algumas relações com os momentos da Universidade, mesmo fazendo quatro anos que a havia deixado.

Passando neste concurso fui chamada apenas dois anos depois. Neste meio tempo continuei no cargo de secretaria. Quando da convocação pelo Departamento de Ensino Fundamental fui chamada para uma escola de periferia, esta era a única ainda com vagas, portanto não tive a oportunidade de escolha. Muitas professoras haviam desistido do cargo, quando souberam da localização da escola, no bairro Bosques do Lenheiro, por se tratar de um local novo e marginalizado.

HISTÓRICO DO BAIRRO

No ano de 1990, foi criada, neste município, a E.M.D.H.A.P. (Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba) para que pudesse fazer a escolha de áreas para construção de conjuntos habitacionais e, assim, diminuir os problemas de moradia na cidade.

Uma dessas áreas foi destinada a construção de um bairro, hoje denominado Bosques do Lenheiro. Trata-se de uma área situada dentro do perímetro urbano, a seis quilômetros do centro, localizado na região Norte de Piracicaba. Embora o bairro seja considerado de fácil acesso, a maioria das pessoas que lá vivem ou trabalham o consideram distante.

Ao se aproximar do bairro, é possível notar casas, umas iguais as outras, tendo ao fundo um bosque, o último que restou dentre tantos que deveriam existir para um só lenhador. Inclusive, isso remete a uma contradição: o bairro Bosques do Lenheiro não tem árvores se assemelhando a um tapete de concreto .

Além dessas residências, o bairro é formado por alguns estabelecimentos comerciais e um P.S.F. (Programa de Saúde da Família), além de um posto policial.

Não há centros comunitários, por isso as festividades, reuniões, bailes, cursos são realizados, primordialmente, na referida E.M.E.F. (Escola Municipal de Ensino Fundamental)

Atualmente, o bairro é composto por quatro moradores que eram cadastrados na EMDHAP – que atingiram alta pontuação no PROPEPI (Programa Pedacinho de Piracicaba) assim, foram selecionados para financiar suas casas, os que foram removidos de áreas de risco (áreas verdes ou de preservação, pois, não ofereciam segurança física nem potencial para regularização), os que foram considerados como vivendo em situações precárias – mas diferentes das situações acima citadas por moradores que invadiram o local, cujas casas estão sendo finalizadas somente agora.

A diversidade cultural neste bairro é muito grande provenientes de vários Estados do País, que vieram se instalar em Piracicaba, ocupando, aproximadamente, oitenta e quatro bairros, e que acabaram se aglutinando no Bosques do Lenheiro.

O B.D.L, como é chamado o Bairro por alguns, tem se configurado como alvo de discriminação por habitantes de outros bairros de Piracicaba e até mesmo pelos próprios moradores do local. Alguns chegam a considerá-lo como o pior bairro da

cidade. Sabe-se, por exemplo, que seus moradores costumam não dizer onde moram para conseguir um emprego.

A partir de 2003, foi possível notar a presença do SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgoto), da C.P.F.L (Companhia Paulista de Força e Luz) e de funcionários da prefeitura, encarregados de fazer a manutenção do mesmo. Todos esses fatos parecem indicar que está tendo no bairro uma comunidade no processo de urbanização.

Nesse contexto, é importante destacar a inauguração da EMEF Professor José Pousa de Toledo que aconteceu em vinte e oito de dezembro do ano 2000 e passou a atender todas as crianças de 1ª a 4ª série, num total de seiscentos e quarenta e dois alunos e cinquenta crianças de pré – escola, pois é neste cenário que foi elaborada a proposta educacional, pois

A violência sofrida pela criança tem sido motivo de grande preocupação dos educadores. Apesar de estar localizada, quase sempre fora dos muros escolares, a violência interfere significativamente no cotidiano escolar. (CARDIA, 1997 apud CANDAU, 2001, p.35)

HISTÓRICO DA ESCOLA

Mesmo tendo sido inaugurada em dezembro de 2000, no final da administração do então Sr. Prefeito Dr. Humberto de Campos e do secretário da Educação Irineu Packer, o funcionamento efetivo da Escola Municipal Professor José Pousa de Toledo, ocorreu no primeiro dia de fevereiro de 2001, já na administração do atual Sr. Prefeito José Machado, tendo como Secretário da Educação o Professor Leopoldo Belmonte Fernandéz.

O cenário que cercava o início das atividades na escola era bastante adverso, devido às características de formação do bairro. O assentamento das famílias nesse loteamento deu - se em janeiro de 2000. No primeiro semestre daquele ano, a transferência das famílias para o bairro se deu consensualmente, sem maiores atropelos.

Já no segundo semestre (Agosto Setembro), as transferências foram feitas à revelia da população a ser transferida, advinda de favelas de áreas de risco e preservação permanente, gerando revoltas de toda ordem em virtude do alto índice de insatisfação dos transferidos.

Após as eleições (outubro 2000), houve negligência em relação à vigilância das casas, devido à ausência de funcionários e, portanto, de segurança, o que permitiu que moradores de vários bairros da cidade invadissem os imóveis ainda por terminar. Como o loteamento estava inacabado, as casas não possuíam infra-estrutura, dessa maneira não contavam com água, luz e esgoto. Em janeiro de 2001, a situação de ocupação invasão de um terço dos moradores e as condições de saneamento básico eram precaríssimas, causando problemas de saúde a população do bairro.

O modo como o bairro se constituiu propiciou a existência de inúmeros problemas, de modo que a violência, o medo e o descontentamento tomaram conta da população durante a época de inauguração. Apesar de contínuos esforços de entidades organizadas e de inúmeros voluntários, as dificuldades enfrentadas no início da implantação do bairro foram muitas, o que propiciou a proliferação de preconceitos com relação ao bairro e aos seus moradores.

O clima reinante, reforçado por constantes matérias jornalísticas acerca da periculosidade do bairro, fez com que os pais dos alunos se apresentassem fragilizados e em posição de defesa em relação aos funcionários da escola. Devido a todo esse contexto, vivendo em condições precárias e adversas, os alunos expressavam, muitas vezes, um certo grau de agressividade, contra profissionais e colegas da escola, o que gerava grande insegurança física e emocional em todos os envolvidos, em especial os professores, que vinham trabalhar extremamente desmotivados e amedrontados.

Outro problema enfrentado foi que os alunos não tinham noções mínimas de higiene e não apresentavam comportamento social esperado num ambiente escolar. Com efeito, esse foi um dos primeiros aspectos trabalhados.

Assim, no ano de 2001, o maior desafio foi o de integrar os pais, alunos e funcionários de forma que se pudesse garantir certa estabilidade para o estabelecimento mínimo de possibilidade de ensino. Por todos esses motivos, a parte pedagógica muitas vezes ficou prejudicada. Era urgente uma convivência pacífica entre os sujeitos deste contexto e, à medida que o trabalho se desenvolvia, a escola conseguiu conquistar o respeito da comunidade. Aos poucos foram feitos os ajustes através de muito diálogo, de palestras, de cursos.

Dentro de tal contexto, esse trabalho pretende levantar questões que possam contribuir para uma reflexão sobre o fenômeno da violência e suas implicações na prática pedagógica nas escolas, de modo particular, do ensino fundamental, tentando buscar caminhos para que esta problemática seja trabalhada no contexto escolar. (CANDAU, 2001, p.15)

Já no final de 2001, a escola começou a se destacar por procurar subsídios para implantar uma proposta que lhe permitisse garantir melhoria na qualidade de ensino.

4. A CONQUISTA DA SALA DE AULA

Iniciou-se o ano letivo, a escola ainda encontrava-se em fase de organização tanto pedagógica quanto administrativa. A direção recebeu-me muito bem, fez as atribuições de classes. A mim foi atribuída uma classe de ciclo I – 2ª Etapa.

Nos primeiros dias de aula as crianças já se apresentavam meio agressivas. Em minha classe havia crianças até a faixa etária de 12 anos. Eram alunos muito agitados, sentia dificuldade em motivá-los, sendo que os mesmos pareciam não atribuir importância a uma Educação Formal, ou seja, o que a escola pensa ser melhor para o aluno. Notei que o problema que evidenciava em classes de substituição também estava presente neste momento.

Eu como professora desta classe sabia que o diálogo deveria ser a melhor maneira para que pudesse atingir algum objetivo com eles, sendo que a escola ainda não apresentava seu Projeto Político Pedagógico. As dificuldades eram discutidas nas reuniões de H.T.P.C. (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo).

Percebia nesta classe a carência dos alunos. A auto-estima baixa, muitos relatos eram de violência sofrida em suas casas, assim as brigas na sala de aula eram constantes. Muitas agressões físicas e verbais entre eles.

Conversas eram feitas para uma tentativa de minimizar a indisciplina e a violência eram realizadas na classe. Os alunos faziam os relatos de mortes, homicídios, tudo presenciado por eles.

Com toda esta dificuldade meu trabalho foi desenvolvendo-se na medida em que ia fazendo as intervenções necessárias nos conflitos que surgiam em sala de aula, pois

é impossível negar, portanto a importância e o impacto que a família tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito. Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e a outra, bastante diferente, é acreditar que é um determinante e irreversível [...] os traços que caracterizaram a criança ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente nas experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos

socializadores, como na escola. Sendo assim, uma relação entre professor e aluno baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição ou na tolerância permissiva, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos. VYGOTSKY, 1984 apud AQUINO, 1996, p. 98)

Também como educadora refletia muito nesta questão da escola para os alunos. A situação atual nos leva a pensar como anda a nossa ética. Será que somos meros reprodutores dessa sociedade capitalista? Devo parar e pensar realmente nas conseqüências de minhas atitudes, pois muitas vezes, enquanto professores estamos excluindo nossos alunos, ou contribuindo para que sejam cidadãos passivos.

Hoje em dia, sustentamos não somente a necessidade de um novo currículo, mas uma nova maneira de pensar, desenhar e fazer currículos com modalidades mais participativas, buscando o consenso social, superando a visão fragmentaria parcial de curto prazo das tentativas de reforma curricular realizadas no passado, centralizadas nos conteúdos e em operações superficiais de adição ou eliminação sem uma compreensão do currículo como uma totalidade e sem uma visão de longo prazo, entendendo que a reforma curricular não é um documento nem um decreto, nem um fato meramente escolar, mas um processo social de mudança cultural. Uma reforma curricular, sem colocar no centro o professor não somente como capacitando, mas como protagonista do processo de mudança. (Torres, 1993, p. 58).

Diante do exposto, trarei como reflexão de mudança o currículo Humanístico que demanda com mais intensidade, um contexto de relacionamento emocional entre alunos e professor. Deve-se encorajar os alunos a se identificarem consigo mesmo, ensinando-os a partir de seus próprios interesses e compromissos e acreditar na capacidade de aprender. (Disciplina Currículo, educação e escola, ministrado pela Assistente Pedagógica Mirelle – 6º semestre).

Embora se tenha essa nova visão à mudança, ainda nos deparamos com um currículo excludente, com assuntos inadequados para uma clientela cheia de conflitos, que acabam deixando de fora a atualidade, onde os alunos não vêem função, trazendo como conseqüência o desinteresse e gerando a indisciplina.

Assim sendo, meu papel como educadora torna-se de grande compromisso para com meus alunos.

Acreditando que a teoria iria auxiliar-me muito em minha prática, retorno à Universidade Metodista de Piracicaba para buscar meu diploma, eis que me deparo com uma grande frustração. Neste tempo em que fiquei afastada, mudaram-se as leis e o meu currículo não se encaixava mais nas exigências para solicitar o diploma.

A nova L.D.B (Leis Diretrizes e Bases) havia entrado em vigor.

A L.D.B. de 20 de Dezembro de 1996, pela lei Federal n 9394/96 denominada Lei Darcy Ribeiro coloca como diretriz: A Formação dos Profissionais da Educação para atuar nos diferentes níveis de modalidades, dos mecanismos adequados ao atendimento de segmentos sociais ou de indivíduos com necessidades especiais.⁵

Com isso, fui informada pela Universidade que deveria estar fazendo os ajustes necessários para obter meu diploma. Por estar em uma situação financeira difícil, optei em perder os três anos cursados.

Neste dia, parei para pensar e meus alunos vieram-me a mente, como auxiliá-los falando de cidadania, de encorajamento? Se eu estava passando por uma situação de exclusão social, não tendo é claro como voltar a três anos pagando e realizando o sonho de ser graduada.

Saí literalmente chorando, não via luz para obter a conclusão de meus estudos e também por pensar em meus trinta alunos, que um dia também deverão estar nesta sociedade conflitante, onde fica o cidadão? O direito de escolher se gostaria de estudar em escolas públicas ou particulares, de poder freqüentar um cinema, ter acesso a cultura, a bons livros. Isto era para mim uma grande violência como a que citada no início: a reguada da professora de 1ª série.

Um dos objetivos da Educação é auxiliar a construção de autonomia do pensamento que respeite as regras, com pressupostos de igualdade e justiça?

Viver é respeitar as diversidades culturais e ser respeitado. Viver é ouvir e ser ouvido, viver é buscar autonomia, tendo condições para criticar, assumindo-se como agente de transformação social. Assim, viver é exercer a cidadania que tem a ver com as condições de cidadãos, ou seja, ser um indivíduo que goza dos direitos civis e políticos de um Estado (Freire 2000, p.45). Infelizmente a realidade social de exclusão das populações empobrecidas demonstra que vivemos a negação da cidadania.

Contudo, já estávamos no final de 2002, com a classe que trabalhava obtive um pequeno progresso. Os alunos estavam mais participativos e menos agressivos.

No ano seguinte, nesta mesma escola, iniciou um grupo de psicólogas (estagiárias do curso de Psicologia da Unimep) que juntamente com o grupo de professores começaram a debater o P.P.P. (Projeto Político Pedagógico), onde deveria nortear as nossas ações para o Bosques do Lenheiro, de acordo com sua realidade e

⁵ Extraído do texto: “Nova L.D.B. : algumas observações. Marinel Pereira Abbade. (Disciplina Reformas Educacionais, com a Assistente Pedagógica Conceição-4º semestre)

autonomia. Neste momento a escola encontrava-se um pouco mais estruturada. Sendo que o primeiro ano foi de muito aprendizado, reflexões e também decepções.

O papel legitimado de um Projeto Político Pedagógico concreto operado pelo discurso sobre as reformas e pelo caráter episódico de muitos dos movimentos de reforma educativa vivenciados em nosso continente. É fundamental não cair, mais uma vez, na armadilha de um discurso puramente científico e técnico sobre a educação, que apresenta como se ela fosse uma prática social absolutamente autônoma em relação ao contexto em que se situa, como se fosse possível tratar a questão educacional com uma racionalidade puramente instrumental. SACRISTÁN, 1997 apud CANDAU, 2001, p. 31)

Em geral, há uma acentuada distância entre as propostas de reforma e o dia-a-dia das escolas, especialmente das escolas públicas, e os problemas que os professores enfrentam em seu cotidiano.

Dentro do P.P.P. da E.M.E.F. Professor José Pousa de Toledo, o principal objetivo era de dar pelo menos o mínimo de condições para os alunos lerem e escreverem assim foram formadas classes homogêneas, onde todos os alunos apresentam dificuldade no aprendizado e também na socialização (indisciplina e uma grande exclusão social)

No âmbito educacional, iniciaram-se as dificuldades que vão desde a situação precária da família (baixa renda) até a falta de estrutura familiar e escolar e o grande desinteresse dos próprios alunos que apresentaram certas atitudes agressivas, dentro e fora da sala de aula e escola. Qualquer coisa é motivo para desencadear uma briga, não me refiro a pequenos desentendimentos, mas agressões físicas e verbais.

Esse ambiente hostil faz parte da realidade dos alunos e a cada segunda-feira trazem novos relatos de mortes, tentativas de homicídios: tudo presenciado por eles.

Em relação a esta indisciplina escolar farei uma conexão com a citação de FERREIRO (2000, p. 98).

(...) agrupar as crianças com níveis primitivos da escrita em grupos semelhantes. Com esta estratégia, retira-se a criança de um outro componente essencial para o avanço: a interação com bons informantes do uso da escrita. Além de não incorporar alterações da forma de ensinar que permita maior reflexão sobre a escrita, retira-se dela também a oportunidade de aprender com a interação com outras crianças mais avançadas no conhecimento do objeto.

A sala de aula retratada com indisciplina tratava-se de uma sala homogênea⁶. Reportei-me neste momento, à classe que fui remanejada quando cursava a primeira

⁶ Homogênea: Em que as partes de um todo têm algum conhecimento em comum.

série do ensino primário, porém essa homogeneidade era vista apenas com o fator aprendizagem.

Assim, acredito ser esse um dos fatores principais que levam a desmotivação para o aprendizado e para tantos conflitos.

Essa idéia de homogeneidade, (onde os alunos têm mais ou menos a mesma idade e o mesmo nível de conhecimento) surgida no momento de elaboração do Projeto Político Pedagógico, visando engendrar ações que iriam propiciar o desenvolvimento de futuros indivíduos capazes, portanto, do exercício da cidadania.

Neste momento, a política vigente da Rede Municipal de Ensino de Piracicaba, permitia que a proposta da escola para a formação das classes homogêneas comportasse um número reduzido (18). Assim sendo, era possível atender a proposta.

No ano de 2004, com as eleições, vieram novas regras. Nestas, incluía-se a mudança no número de alunos por sala de aula, passando a comportar 35, porém não se mudou a idéia de homogeneidade.

Na atual conjuntura, como docente, cabe ressaltar que o Curso de Pedagogia (Proesf), muito está contribuindo para a minha prática em sala de aula, através da busca de teorias que podem amenizar os conflitos gerados neste tipo de sala.

Uma das disciplinas que me chamaram a atenção, foi a de Planejamento e Gestão, com a Assistente Pedagógica Conceição, no 5º semestre, pois esta trazia o papel de gestor como articulador dos problemas da escola, sendo que segundo a L.D.B. nº 9394/96, art.14, numa gestão democrática o gestor deixa de ser autoridade única na escola, este passa a ser articulador de idéias, de ações entre os vários segmentos (alunos, professores, comunidade...) visando alcançar o objetivo maior da escola na construção do trabalho educativo. Tive esperança de com isso poder minimizar minhas dificuldades.

Infelizmente, não tive o apoio da escola para diminuir a indisciplina e conseqüentemente, essa violência que estou vivenciando. Procurei colocar em prática outras contribuições trazidas pelo Curso, para minimizar essa forma de indisciplina desenfreada que vem ocorrendo.

Pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário é a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise deve aproximá-lo ao máximo de sua realidade. (Paulo Freire, 1996, p. 39).

A mudança, o continuar, a busca deveria ser incessante, mas, o importante foi esta tão grandiosa oportunidade que tive de retornar a uma Universidade (UNICAMP) e assim tentar concluí-la. Essa oportunidade surgiu no momento em que me via em busca de um aprimoramento profissional e de novas estratégias de trabalho para com os meus alunos, já que sou uma mediadora do conhecimento.

Desenvolver o conteúdo de forma fria, por meio de estratégias técnicas não contribui para desenvolver uma aprendizagem significativa. É preciso amar, ensinar.

Amar o ensinar desejar ardentemente que o outro aprenda a ter prazer nisto; Ter prazer em partilhar com o outro um trecho do percurso que já fez (e que continua fazendo), tendo consciência de que o caminho do outro terá suas peculiaridades. Esta satisfação é que vai também ajudar a suportar a fadiga da atividade e a sustentar a necessária paciência pelas formas ritmos e apreensão do outro. (VASCONCELLOS, 2001, p. 63)

Esses alunos buscam em um professor mais do que um profissional, por viverem em uma situação em que muitas vezes a escola também o discrimina.

Com toda a minha trajetória: as reguadas, o remanejamento de sala, a leitura obrigatória, a exclusão de uma Faculdade por recursos financeiros, fizeram de mim não só o profissional (professor), mas, alguém que refletisse sobre o real papel da educação e o da inserção dos indivíduos menos favorecidos na sociedade. Com essa visão, busquei pautar-me no Projeto Político Pedagógico da escola em questão.

5. FRAGMENTOS DA PROPOSTA EDUCACIONAL DA E.M.E.F. Profº JOSÉ POUSA DE TOLEDO

2. PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DA PROPOSTA EDUCACIONAL DA E.M.E.F. PROFESSOR JOSÉ POUSA DE TOLEDO.

Conforme foi anteriormente anunciado, a fim de levar adiante sua proposta educativa, a E.M.E.F. José Pousa de Toledo enuncia, neste segundo item, seu princípio norteador e os objetivos que eles decorrem.

2.1. Princípio norteador das ações na escola.

A escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Pousa de Toledo tem como princípio de suas ações o compromisso com a possibilidade de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade social, da solidariedade e do respeito ao bem comum. Tal princípio se afina politicamente com o desenvolvimento de futuros cidadãos e, conseqüentemente, com o exercício da criticidade e respeito a ordem democrática.

2.2. Objetivos atuais.

Visto que a E.M.E.F. José Pousa de Toledo tem seu princípio no compromisso com a sólida formação da criança, os objetivos fixados para a escola neste momento visam reverter a situação do analfabetismo funcional que se observa hoje em dia, principalmente, nas instituições públicas de ensino e que foi instalado no país nas últimas décadas do século XX.

Desse modo, a escola, pretende criar as condições necessárias para que seu princípio norteador - de compromisso com a possibilidade de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade social, da solidariedade e do respeito ao bem comum - possa ser efetivado. Assim, há que se buscar algumas metas, como a melhoria contínua da qualidade de ensino, a discussão dos valores embutidos no princípio e nos objetivos da proposta, a constante capacitação do corpo social da escola, a constante reflexão do trabalho pedagógico – que possibilite levantar as necessidades

de redirecionamento dos planos de curso e de ensino e da integração entre a escola e a comunidade.

2.2.1. Melhoria contínua da qualidade do ensino.

Para que a autonomia e a cidadania sejam objetivadas como possibilidade futura para a população infantil atendida nesta E.M.E.F. é necessário que as crianças possam se apropriar dos conhecimentos produzidos pela humanidade a fim de que consigam adquirir o pensamento necessário ao desenvolvimento do pensamento crítico – aquele capaz de expressar juízos avaliativos - , condição inerente ao conceito de autonomia e cidadania. Nessa perspectiva, ter como principal meta da escola a melhoria da qualidade de ensino nos coloca como desafio garantir às crianças que ingressam na E.M.E.F. Professor José Pousa de Toledo a chance de adquirirem os conhecimentos necessários á efetiva continuidade da escolarização, neste momento, principalmente, em termos da aquisição da Língua Portuguesa- leitura e escrita – e da Matemática – domínio das operações com números.

2.2.2. Reflexão dos valores embutidos no princípio e nos objetivos da escola.

Possibilitar a conscientização das relações entre as ações cotidianas desenvolvidas na escola e a concretização dos parâmetros valorativos existentes no princípio orientador da proposta educativa enunciada pela escola. Para tanto é necessário:

- a) Levantar e refletir sobre a compreensão existente em cada um dos valores mencionados; autonomia, cidadania, democracia.
- b) Buscar uma compreensão comum do significado destes valores.

2.2.3. Constante capacitação do corpo social da escola

Constituir condições para que ocorra um aperfeiçoamento contínuo dos professores e funcionários. Tais condições visam a busca de um aperfeiçoamento na formação de todos os envolvidos na ação educacional com a criança. Para tanto, serão

utilizados, primordialmente, momentos como H.T.P.C.s⁷, avaliações pedagógicas e reuniões a fim de desenvolver discussões que propiciem a busca de subsídios teóricos, pesquisa e troca de experiências acerca dos conhecimentos necessários ao ato pedagógico junto aos alunos. A partir dessas discussões, poderão ser elencados os assuntos que carecem de maior aprofundamento, bem como poderá ser discutida a melhor maneira para encaminhar os mesmos.

2.2.4. Desenvolvimento de um processo permanente de reflexão acerca do trabalho pedagógico

Esta meta deverá ser atingida a partir da criação, nas reuniões de H.T.P.C.s, de um momento avaliativo do trabalho, pois é principalmente nesse espaço que são identificados e discutidos o problema enfrentado pelos professores na execução de seus planos de ensino, bem como as ações a serem prioritariamente desenvolvidas para equacioná-los.

2.2.5. Integração entre escola e comunidade

Para atingir esta meta, será necessário incentivar os pais a partilhar decisões com a escola na busca de respostas para um ensino de melhor qualidade. Nesta perspectiva, as ações previstas são:

- a) Realizar reuniões para a formação do Conselho de Escola;
- b) Agilizar canais de comunicação entre o Conselho de escola e a comunidade para garantir a participação de todos;
- c) Realizar atividades de integração escola – comunidade;
- d) Inserir os pais na discussão das pautas e do cronograma das reuniões e das atividades a serem realizadas no espaço escolar;
- e) Estimular a participação das famílias no acompanhamento do aluno ao longo do processo educacional, fornecendo-lhes informações sistemáticas sobre frequência e desempenho escolar, criando alternativas de enfrentamento conjunto–escola–pais–dos problemas identificados.

⁷ H.T.P.C. : Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

2.2.6. Erradicar a evasão escolar

Garantir aos alunos os conhecimentos necessários a uma futura inserção competente na realidade social nos parece ser um dos principais meios para efetivar o controle da evasão. Promover condições e oportunidades de aprendizagem para que o aluno permaneça na instituição escolar significa criar condições internas para motivar o educando a encontrar na escola um local de acolhimento e de respeito a seu ritmo de aprendizagem. Se conseguirmos resgatar a função formativa da escola, necessariamente as circunstâncias de evasão serão efetivamente controladas, para tanto será necessário criar condições pedagógicas que possibilitem ao aluno re-significar os conhecimentos escolares como necessários às atividades cotidianas que desenvolvem na escola e fora dela.

Elaboração do Plano de ensino.

Pela equipe dirigente, com o apoio da Psicologia da Unimep, com base nas avaliações e discussões críticas dos planos anteriores. Esse plano será levado à apreciação dos professores no planejamento do ano que irá iniciar.

- ✓ Elaboração de fichas de acompanhamento dos alunos mais objetivas, que levem os pais a entenderem a situação escolar dos filhos e de relatórios que darão a verdadeira dimensão do desenvolvimento pedagógico do aluno para o próximo professor;
- ✓ Divisão das classes feitas pelas professoras que conterão até 25 alunos;
- ✓ Realização de Educação Física por professores especializados;
- ✓ Trazer a comunidade à Unidade Escolar para mostrar-lhe que são importantes para à escola;
- ✓ Para isso deverão participar efetivamente de reuniões. Este trabalho começará com um grupo de pais que será formado para implantação dessa convivência efetiva na escola, tornando-o posteriormente, em células de multiplicação na comunidade em geral;

6. EDUCAÇÃO FORMAL X EDUCAÇÃO INFORMAL

O que se deve entender como ponto de partida é que a escola não pode enfrentar esses conflitos, sozinha deve-se buscar parcerias para proporcionar o encontro de soluções.

Por quê não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida. (Paulo Freire, 1996, p. 30).

Trabalhando com o cotidiano local, construindo parcerias com alunos e comunidade, abrindo as escolas para que os alunos saiam e a comunidade entorno entre, trabalhando com a cidadania cultural, ultrapassa os limites, normalmente, postos às instituições do ensino formal.

Essa foram algumas das formas que encontrei de minimizar os problemas ocorridos no cotidiano escolar, tais como: indisciplina, violência, valores. Desenvolvia as atividades voltadas ao lazer e capacitação profissional, em horário oposto ao da aula regular.

Esse conceito de educação informal foi vislumbrado na disciplina “Educação não-formal com a Assistente pedagógica Dalva (6º semestre), e em um dos textos⁸ trazidos, encontra-se um trecho que vem elucidar toda minha vivência com meus alunos:

[...] um conceito importante é o de estudantes em situação de “risco”, no que diz respeito a crianças e adolescentes que tem vínculos com a escola, mas estão prestes a perdê-la, não porque a escola não lhe dê informações suficientes, mas pelo fato dessas informações, na maioria das vezes estarem desvinculadas da realidade cultural na qual essas crianças foram socializadas. (SHULER, 1991, p. 12)

O olhar crítico, sem dúvida é fundamental para entender essa diversidade de conflitos, e é através deste que venho buscando uma mediação através do dialogo, conversas informais, colocando sempre em pauta os sentimentos, como: respeito, amor ao próximo e limites.

Diante dessa realidade, não há uma receita pronta nem uma regra absoluta, mas “é na formação permanente dos professores, o momento fundamental para a reflexão crítica sobre a prática”. (Paulo Freire, 1996, p.39).

⁸ Texto: Uma sondagem preliminar da atuação das instituições voltadas para a educação não- formal. P.12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este trabalho, após muita leitura e pesquisa sinto-o que a minha responsabilidade aumenta a cada vez que revejo minha prática e teoria.

A principio vi neste trabalho como um desafio de ser enfrentado, a preocupação de tentar buscar o melhor caminho para expressar minha vivência escolar e profissional.

Busquei falar sobre a indisciplina e violência escolar *versus* vida social, sendo que foram estes os fatores que me acompanham em todo a minha trajetória profissional e escolar. Fui vendo o hoje, lembrando o passado e tentando encontrar uma melhora para o futuro.

Acredito ser hoje uma professora com uma grande bagagem teórica que encontrei na Universidade melhorando minha prática, pois atuo em uma classe de (ciclo II 1ª etapa) 3ª série do Ensino Fundamental, dita homogênea, onde os alunos são considerados com grande dificuldade de aprendizagem e indisciplina, porem com todo o trabalho desenvolvido posso constatar seus avanços individuais.

Descrevo em meu trabalho um pensamento: para encerrá-lo

(...) Para encontrar um tipo de educação homogênea e igualitária, seria preciso remontar ate as sociedades pré-históricas, no seio das quais não existissem nenhuma diferenciação. Devemos compreender, porém, que tal espécie de educação e sociedade não representa senão um momento imaginário na historia da humanidade (...) (DURKHEIM, 1952, p. 33)

Diante do exposto, cabe a mim como professora buscar satisfazer toda a expectativa, direcionando-os por um momento melhor em suas vidas, sempre respeitando sua limitação, habilidades e valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 9ª ed. São Paulo: Summus, 1996.

AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo: De Piaget a Emília Ferreiro*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

CANDAU. Vera Maria. Reformas educacionais hoje na América Latina. In: MOREIRA. Antonio Flavio Barbosa. *Currículo: políticas e práticas*. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 1999.

_____. Cotidiano escolar e violência. In: *Escola e violência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DURKHEIM, Émile. Definição de educação . In: *Educação e sociologia*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 33ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. Um crítico da instituição escolar. In: *Revista Nova Escola*. São Paulo: Fundação Victor Civita. 191ª ed, Ano XXI, Abril/2006.

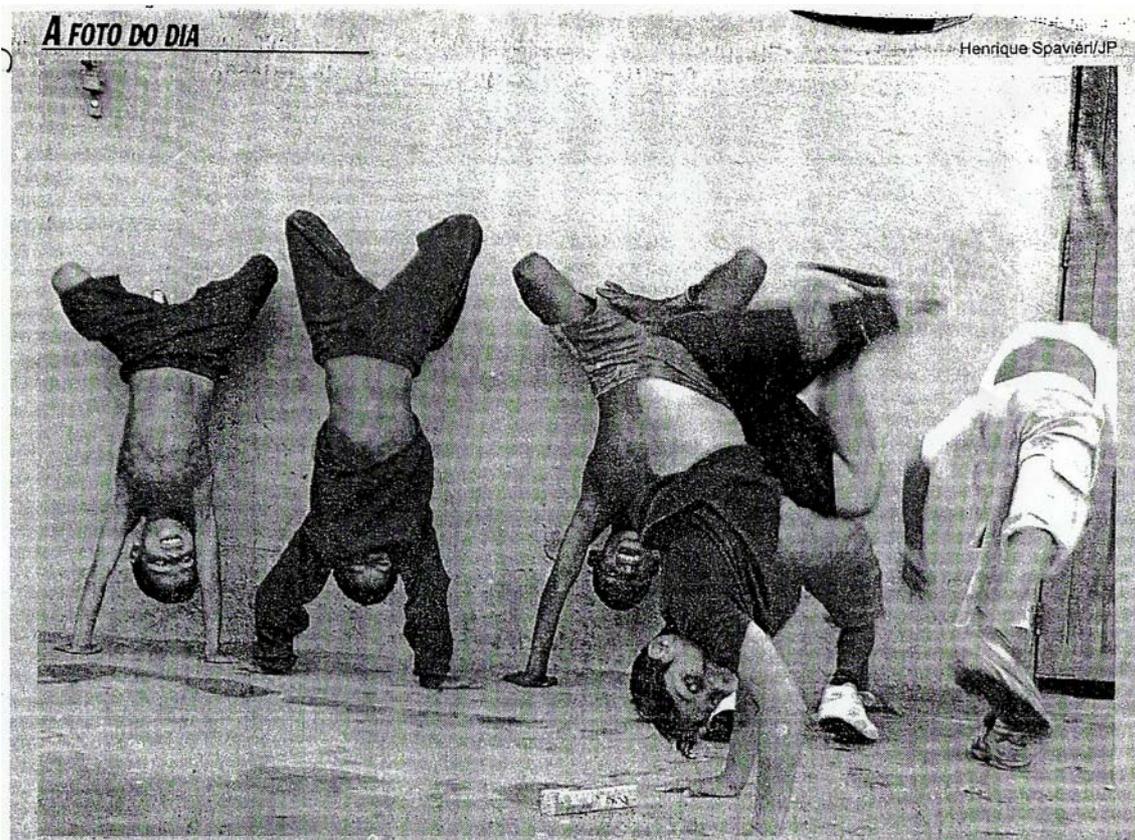
JORNAL DO PROJETO PEDAGÓGICO. (<http://www.google.com.br>). *Indisciplina e violência nas escolas*. Visitado em_08 de nov. de 2005.

QUIROGA. Ana Pampliega de. A opressão da criança no sistema educativo. In: *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon –Riviere*. 3ª ed. R.J: Vozes, 1991.

TORRES. Rosa Maria. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELLOS, C. S. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. 8ª ed. São Paulo: Libertad, 2001.

Anexo I



Em termos de violência nas escolas, um grupo de alunos divertem-se nos horários opostos à aula.

Trabalho apresentado da A.P. Daniela – 4º semestre G – ano 2005

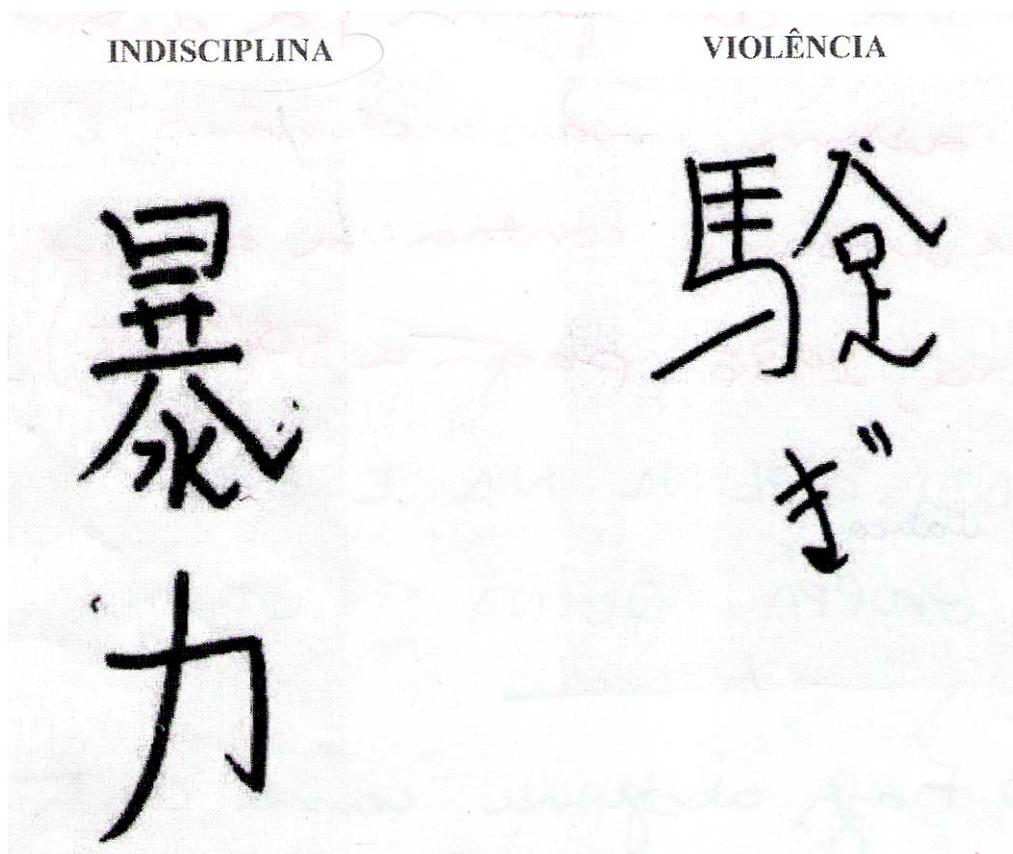
Anexo II

Como já foi dito anteriormente, o bairro Bosques do Lenheiro aglutina famílias provenientes de vários bairros da cidade, apresentados pela tabela abaixo:

1) São Jorge = 18	23) Balbo = 3	45) Parque Eucaliptos = 1	67) Jd. Esplanada = 1
2) Belvedere = 17	24) Vila Sônia = 3	46) Higianópolis = 1	68) Jd. Glória = 1
3) Vila Cristina = 13	25) Vila Fátima = 3	47) Tupi = 1	69) Guanium = 1
4) Novo Horizonte = 10	26) João Conceição = 3	48) Tatuapé II = 1	70) Eldorado = 1
5) Vila industrial = 9	27) Sta. Rosa = 3	49) Sta. Cruz = 1	71) Camargo = 1
6) Jaraguá = 8	28) Morada do Sol = 2	50) Sol Nascente = 1	72) Vila Jardim = 1
7) Paulicéia = 6	29) CECAP = 2	51) Jd. Tatuapé = 1	73) Vila Bessy = 1
8) Monte Líbano = 6	30) Nova Suíça = 2	52) Jd. Javari II = 1	74) Usina = 1
9) Jd. Alvorada I = 6	31) Jd. Sônia = 2	53) Ginásio = 1	75) Terra nova = 1
10) Algodão = 6	32) Cruz Caiada = 2	54) Dois Córregos = 1	76) Parque Sabiá = 1
11) Paulista = 5	33) Campestre = 2	55) Valdir Chiarini = 1	77) São Luiz = 1
12) Costa Rica = 5	34) Bairro Alto = 2	56) Tatuapé I = 1	78) Pq. Industrial = 1
13) Boa Esperança = 5	35) Vila Rezende = 2	57) Sto. Antonio = 1	79) Nhoquim = 1
14) Jd. Paulista = 4	36) Usina Modelo = 2	58) Parque São Jorge = 1	80) Maracanã = 1
15) IAA = 4	37) São Vicente = 2	59) Nova América = 1	81) Jd. Sta. Maria = 1
16) Nova Paulista = 4	38) Mário Dedini = 2	60) Jd. Ibirapuera = 1	82) Jd. Oriente = 1
17) Jd. Glória = 4	39) Jd. São Paulo = 2	61) Francisco Morato = 1	83) Dom Manoel = 1
18) Piracicamirim = 4	40) Jd. Paraíso = 2	62) Tóquio = 1	84) Chapadão = 1
19) Jd. Diamante = 4	41) Artemis = 2	63) Santa Terezinha = 1	
20) Jd. Esplanada = 4	42) Santa Rosa = 2	64) Riachuelo = 1	
21) Jupia = 3	43) Jd. Das Flores = 2	65) Sta. Terezinha = 1	
22) Jd. Planalto = 3	44) Godinhos = 2	66) Parque Piracicaba = 1	

Anexo III

Para indisciplina é “sawagui” = bagunça; para violência é “booriyoku” = agressão.



Segundo o dicionário o termo indisciplina pode ser definido com um regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escola).

Relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor.

Submissão, fazer obedecer, ceder.

Já o termo indisciplina refere-se ao “procedimento ato ou dito contrario à disciplina, a desordem.

Sendo assim, indisciplinado é aquele que “se insurge contra a disciplina”.

Ferreira, 1986, pagina (595) – In: (*Indisciplina da Escola*) Julio Groppa Aquino, 9ª Edição.

Violência – Fazer alguma coisa contra uma regra ou um costume, infringir, desrespeitar, agredir. – Dicionário Aurélio.